

INCIDÊNCIAS DO SUJEITO NA INTERFACE DA PSICANÁLISE COM A LINGÜÍSTICA

Cleide Pereira Monteiro (PPGL UFPB)

INTRODUÇÃO

As considerações que pretendo tecer, de forma breve, são reflexões recolhidas de discussões realizadas no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPB, na linha de pesquisa “sujeito, linguagem e psicanálise”. Destacamos dos fios tecidos até então aqueles que consideramos essências para o avanço de nossa tese de doutorado, que tem como orientadora a professora Mônica Nóbrega. Deparamo-nos com o desafio de estabelecer aproximações entre campos que têm distintos objetos de investigação. Consideramos a empreitada instigante na medida em que, sendo a literatura muito escassa, nos exige um esforço a mais de criação.

Jacques Lacan, psicanalista francês, apóia-se em Ferdinand de Saussure para formalizar o que já está no texto freudiano: as relações entre linguagem e inconsciente. Tomamos como desafio em nosso trajeto de doutorado a leitura destes dois autores, tentando com isso destacar algumas contribuições situadas na interface psicanálise e lingüística. Para esta comunicação, elegemos um ponto que nos parece fundamental: problematizar um pouco mais, a partir da contribuição da psicanálise, o dito que se tornou famoso de que a lingüística saussuriana exclui o sujeito. O encontro de Lacan com a obra de Saussure produziu conseqüências, sendo a mais importante de todas, paradoxalmente, a contribuição do lingüista para a construção da noção de sujeito em Lacan. Certamente, a lupa de Lacan deparou-se com algo inédito que nos faz agora nos perguntar sobre a influência da psicanálise em uma releitura de alguns pontos da obra inacabada do mestre genebrino.

SAUSSURE COM LACAN: UMA INTERPOLAÇÃO DO SUJEITO

A língua é o fundamental do pensamento de Saussure, que a define como um sistema de signos arbitrários. Destacamos nesta primeira assertiva sobre o objeto da lingüística três termos que nos parecem fundamentais: as noções de sistema, de signo e de arbitrariedade.

Inicialmente, diríamos que é na noção de signo lingüístico que Saussure vai se apoiar para delimitar e precisar seu objeto de investigação. Para ele, o vínculo que une um nome e uma coisa não é uma operação simples. Desde cedo, ele se propõe a desnaturalizar esta vinculação ao instituir o signo lingüístico como uma entidade psíquica de duas faces: o conceito e a imagem acústica. Estes dois elementos estão intimamente unidos por um vínculo de associação, o que quer dizer que tal união não se dá de forma natural, mas convencional. Saussure observa que há uma oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte. Para realçar esta propriedade, propõe substituir “conceito” por “significado” e “imagem acústica” por significante.

As conseqüências do princípio da arbitrariedade para a lingüística na sua interface com outros saberes são inúmeras. Nesse sentido, a arbitrariedade é o que permite Saussure determinar a língua como um sistema de signo particular, específico, pois que imotivado. Para ele, o “arbitrário absoluto é a condição essencial do signo lingüístico” (2006, p. 155). Tomando, desta forma, o arbitrário absoluto como a base do sistema lingüístico, Saussure nos instiga a pensar que este sistema está ancorado em uma lógica que é, a princípio, sem ordenação, caótica.

Saussure destaca a arbitrariedade como princípio fundamental, porém, isso, como ele mesmo dirá, “não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente” (2006, p. 152). Com isso, Saussure não larga mão do seu princípio de base, mas

introduz gradações no arbitrário. Surge então, um novo balizamento em sua obra: o signo pode ser relativamente motivado.

Observamos que o radicalmente imotivado (arbitrário absoluto) e o relativamente motivado (arbitrário relativo) são dicotomias, como tantas outras que aparecem em Saussure, que não têm a pretensão de serem excludentes, mas antes, seguirem um movimento que se pretende dialético. Como nos indica Lopes (1997), o alcance da revolução teórica de Saussure só pode ser dado no interior de um percurso dialético de sua obra. Nesse sentido, as dicotomias saussurianas devem ser tomadas como construtos a ser considerados à luz da concepção que Saussure tem do próprio objeto da lingüística. Este objeto, ao contrário do que ocorre em outras ciências, não é dado de antemão, mas é algo a ser construído e como tal não é um objeto que está fundado na noção de substância. Assim, a máxima de Saussure de que é o ponto de vista que cria o objeto, deve ser considerada como o pano de fundo das discussões que giram em torno de suas famosas dicotomias. Feitas tais considerações, interrogamos: por que será que o mestre da lingüística propõe relativizar o princípio maior de sua ciência, a arbitrariedade? Qual a importância dada por Saussure à concepção de “motivação relativa” ou “arbitrário relativo”? Por que o princípio irracional da arbitrariedade do signo não pode ser aplicado sem limite?

Questões que parecem simples à primeira vista, mas de que não o são, pois nos remete a introdução de uma variável na possível releitura de Saussure a partir da psicanálise, a variável sujeito. Mesmo reconhecendo que o sistema da língua repousa no princípio da arbitrariedade do signo, é o próprio Saussure que sugere que este princípio quando aplicado sem restrição, em sua condição absoluta, conduziria à complicação suprema. E como evitar um curto-circuito do sistema, como assegurar um princípio de ordem? É ele que nos dirá que é “o espírito que logra introduzir um princípio de ordem e de regularidade em certas partes da massa de signos, e esse é o papel do relativamente motivado” (2006, p. 154). Assim, talvez seja possível pensar que ao introduz certa gradação na arbitrariedade, Saussure está às voltas com a intervenção no sistema da língua disso que ele chama de “espírito”.

A introdução pelo espírito do arbitrário relativo nos remete a concepção, da qual Saussure não abre mão, de que “uma língua constitui um sistema” (2006, p. 87). Parece-nos que é a própria noção da língua como sistema que faz operar o arbitrário relativo, o que não entra em contradição com o fato de que o agente desta operação é o espírito. Isso fica mais evidente quando Saussure traz como corolário da noção de sistema a máxima de que “em um estado de língua, tudo se baseia em relações” (2006, p. 142). Relações que podem estar “*in praesentia*”, que são as relações sintagmáticas, ou “*in absentia*”, as chamadas relações associativas ou paradigmáticas como foram denominadas posteriormente. Estas últimas fixam nossa escolha para empregar este ou aquele sintagma (2006, p. 151), pois são estas relações, as associativas, que “fazem parte do tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo” (Saussure, 2006, p. 143).

Saussure sugere que no mecanismo da língua, à maneira de uma máquina que têm todas as peças funcionando reciprocamente, há um vínculo de interdependência entre estas duas formas de agrupamentos que presidem o funcionamento da língua. Desta forma, ele nos oferece pistas para se pensar que o que limita o arbitrário é a solidariedade existente entre o paradigma e o sintagmático (2006, p. 153). Mas, para que este movimento solidário aconteça, esta é a nossa hipótese, é necessário que um sujeito aí se introduza. Estamos advertidos de que, efetivamente, Saussure não falou diretamente de sujeito; quando muito, utilizou-se de expressões que nos instigam a fazer uma rápida aproximação, como aquela que já citamos (“o espírito”), pronunciada por tantas vezes no decurso do seu CLG. Há pistas deixadas por ele que nos faz pensar que em alguma medida o seu sistema lingüístico não prescinde de uma função chamada por nós de “sujeito”.

Da perspectiva psicanalítica, não poderíamos deixar de pensar que o “espírito” saussuriano pode ser “escutado” a partir das contribuições da psicanálise lacaniana. Afinal de contas, foi a lingüística saussuriana que deu o suporte a Lacan em sua construção da noção de sujeito. Retroativamente, em uma construção que segue a lógica do *après coup*, podemos revisitar Saussure, e dizer, talvez, que se ele estava desavisado quanto a ação do sujeito no sistema, por outro lado, também estava desconfiado de uma presença qualquer, como vem denunciar suas incursões na poesia latina, nos versos saturninos, nos quais destaca uma forma anagramática em sua constituição.

Assim, se afirmamos, por um lado, que o sujeito tem participação ativa no movimento do sistema, ele, por outro lado, assume, digamos assim, uma posição passiva diante do próprio sistema da língua. Pois,

não podemos esquecer com Saussure, que é a língua que vem dar provas de que a lei admitida em uma coletividade não é uma regra livremente consentida. É por estarmos atados à língua que o signo lingüístico escapa à nossa vontade.

Dizer que Saussure deixa-nos pistas para a interpolação de um sujeito no sistema, é uma lógica difícil de compreender, que nos exige um esforço suplementar. Nesse sentido, nossa pesquisa trabalho tem por objetivo revisitar os ensinamentos de Saussure a partir da contribuição da psicanálise lacaniana, tomando como fio de Ariadne a noção de sujeito. Em que medida o sistema da língua pensado por Saussure permite-nos pensar o sujeito?

Quando Saussure tenta definir a relação do “espírito” e da “massa” com a língua usa para isso uma expressão muito curiosa: “carta forçada”. Esta expressão cunhada por Saussure em seu CLG (2006, p.85), nos inspira a pensar em outra: “escolha forçada”, expressão cunhada por Lacan para definir a constituição do sujeito a partir de sua alienação ao campo do Outro. Poderíamos pensar em uma possível aproximação da “carta forçada” saussuriana com o que Lacan chama de “escolha forçada”? Estendendo um pouco mais a questão: Saussure fala de sistema lingüístico e Lacan em campo do Outro, ambos marcados por algo que é forçado. Não seria esta a brecha por onde se introduz o sujeito? Talvez, em se tratando de sujeito, sempre falemos de algo que é forçado, o que quer dizer, em nossa concepção, de algo que não nos é dado de antemão. O sujeito se constitui no *a posteriori* do encontro com o Outro.

Nesse sentido, para a psicanálise, o que é prévio é a sujeição ao Outro da linguagem. A constituição de um sujeito dá-se a partir de certas condições estruturais que o precede. Esta ordem que se supõe lhe ser anterior e que cria as condições para que nela o sujeito possa se inserir, com Lacan, chamamos de Outro, com Saussure, talvez possamos chamar de “estado de língua”. Ambos (Saussure e Lacan) apontam que o sujeito entra em uma ordem que é social. Porém, se o sujeito se constitui ancorado em uma dimensão social, a psicanálise o faz a partir de sua concepção de sujeito do inconsciente e não de uma teoria sociológica do sujeito.

Lacan, em “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, interroga que tipo de sujeito podemos conceber uma vez reconhecida a estrutura de linguagem no inconsciente. Saussure, por seu turno, ao destacar que o signo escapa sempre a vontade individual, deixa-nos pistas para se pensar que em seu sistema lingüístico o sujeito é uma exterioridade que se faz presente em certos movimentos inerentes ao sistema. Ou talvez, de forma mais precisa, fazendo uso de um neologismo de Lacan, podemos dizer que o sujeito está em uma relação de “extimidade” com o sistema. O sujeito seria o “êxtimo”: aquele que está fora, mas ao mesmo tempo em uma relação de intimidade com o sistema que o promove.

O que seria então o sujeito para a psicanálise? Respondemos com Elia (2007) para quem o sujeito é um *ato de resposta*, uma resposta dada em ato. Este autor nos faz observar que o sujeito é antes uma contingência que se impôs a Freud do que um conceito prévio. É a experiência analítica que faz com que o sujeito se escreva, isto é, que cesse de não se escrever. Essa coisa estranha chamada sujeito não foi reconhecida pela ciência moderna, mas só a partir da psicanálise, que sem dúvida, trouxe ao mundo uma novidade que abalou a ambição do homem em sua pretensão de autonomia e dono de si mesmo.

Freud (1969, v. 16, p. 336), lembra-nos que o amor-próprio dos homens teve de submeter-se a dois grandes golpes desferidos pela ciência e a um terceiro aplicado com a sua descoberta do inconsciente. Recorda-nos que o primeiro golpe foi a descoberta de que a Terra não é o centro do universo, mas o diminuto fragmento de um sistema cósmico; o segundo golpe, assegurado por Darwin, foi a destituição privilegiada no homem na criação, e, por fim, o último golpe, o mais violento, promoveu uma torção radical na idéia de subjetividade, pois provou que ao ego que ele não é o senhor nem mesmo em sua própria casa. Com isso, a psicanálise vem instituir um sujeito que não é idêntico a si mesmo, mas considerado enquanto dividido.

É Lacan que vai levar às últimas conseqüências a “revolução copernicana” de Freud a partir do aporte da lingüística. Tomemos de empréstimos as palavras precisas de Elia (p. 69), quando define que o sujeito “é o nome de algo cujo modo de existir é a elisão, a barra, a abolição, operações pela qual o sujeito se constitui e se realiza na experiência”.

Como já o dissemos, a referência da lingüística saussuriana serve de lastro para a concepção de sujeito dividido em Lacan. Para ele, o sujeito é uma suposição que se impõe a partir da incidência do significante na experiência humana. O significante, imagem acústica como dirá Saussure, não tem

significação alguma. Sua função não é a de significar, mas de fundar, convocar e constitui o sujeito na sua condição mesma de abolido, elidido, barrado. Por ser sempre suposto pelo significante, o sujeito é nomeado por Lacan como “sujeito do significante”. Nesse sentido, aproximando Freud de Saussure, Lacan estabelece uma definição própria para o seu significante, o significante lacaniano: “Nossa definição do significante (não existe outra) é: um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” (Lacan, 1998, p. 833). Ao longo de todo seu ensino, Lacan vai prosseguir com a indissociabilidade entre os termos significante e sujeito, a exemplo do Seminário 20, quando assinala que “o significante é signo de um sujeito” (Lacan, 1985, p.195). Se o sujeito é aquele que conta no funcionamento de uma combinatória, é, por outro lado, o que dela se subtrai, visto que nela, ele tem apenas a função de falta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como fio condutor a função do significante na constituição do sujeito do inconsciente, Lacan concebe a pulsão como tesouro significante, tesouro este que dá suporte ao sujeito do inconsciente. Parece-nos que Lacan acrescenta ao aporte teórico que vai buscar na lingüística, a influência da pulsão no advento de um sujeito. Mais precisamente, ele nos deixa elementos para concebermos a assertiva de que o sujeito é efeito do encontro da pulsão com o significante. Nesta direção, sendo a pulsão o tesouro significante, este, o significante, trabalha para a satisfação e não para a significação.

É só no último período do seu ensinamento que Lacan irá efetivamente atar a linguagem à pulsão e daí retirar conseqüências inéditas para a sua concepção de sujeito. Certamente, esta novidade lacaniana nos convoca a perguntar sobre a base na qual se assentará a interlocução de Lacan com a lingüística estrutural. Temos encontrado algumas pistas que nos permitem pensar as possibilidades de articulação entre a *alíngua* lacaniana e a língua saussuriana e quais as suas implicações para a noção de sujeito. Sem dúvida, isso tem nos exigido uma certa dose de invenção e superação de idéias já preconcebidas. Pensamos que no mesmo, há um Outro Saussure a redescobrir.

É Lacan que vai deixar alguns lampejos que nos guiam em nossa hipótese de que Saussure enfrenta dificuldades em definir em sua completude o objeto da lingüística porque há um ponto de impossível que não pode ser recoberto pelo todo do sistema. Desse modo, há uma parte não representada da língua, ou seja, um “não todo” da língua que aponta para a sua dimensão real, o que traz como conseqüências uma ressignificação da tese do inconsciente estruturado como uma linguagem.

REFERÊNCIAS

- ELIA, Luciano. **O Conceito de sujeito**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2007 (Psicanálise passo-a-passo; 50).
- FREUD, Sigmund. Conferência XVIII - **Fixação em Traumas — O Inconsciente**. Conferências introdutórias sobre psicanálise [1916-1917] Vol. XVI. Obras Completas de Sigmund Freud. Edição eletrônica. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- LACAN, Jaques. **Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano**. In: _____. Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. **O seminário: livro 20 mais, ainda** (1972-1973). Tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LOPES, Edward. Interpretação da obra de Ferdinand de Saussure. In: **A identidade e a diferença**. São Paulo: EDUSP, 1997.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. Charles Bally e Albert Sechehave (Orgs.). São Paulo: Cultrix, 2006.
- STAROBINSKI, Jean. As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand Saussure. Tad. Carlos Vogt. São Paulo: Perspectiva, 1971.